

O PANORAMA.

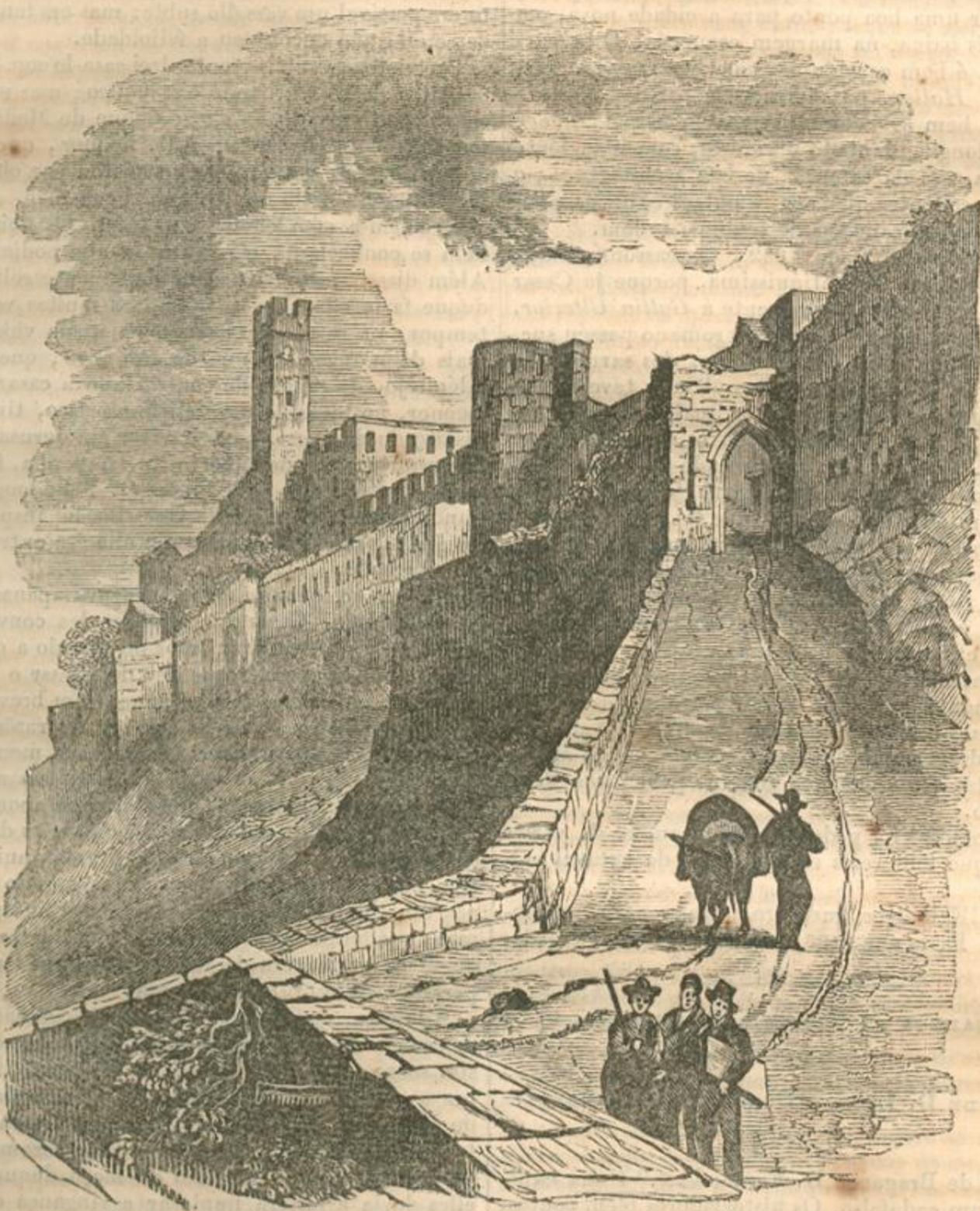
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

71)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 8, 1838)



CASTELLO DE CARCASSONNA.

CASTELLO DE CARCASSONNA.

CARCASSONNA, capital do departamento de l'Aude, no sul da França, é conhecida na historia da idade media pela vingança, fanatismo e furor dos cruzados contra os albigenses [*], quando a saquearam e assolaram. Na tomada desta cidade, extremo refugio dos perseguidos, usou o legado de Innocencio 3.^o da mais acabada má fé, por não dizermos atrocissima traição. Fatigado da porfiada resistencia dos cercados, e vendo nas suas tropas symptomas de descontentamento, mandou propor a Raymundo, visconde de Alby, que saísse da praça a conferenciar com elle, e a trac-

tar de reciprocas convenções, para pôr termo á guerra, assegurando-lhe que seria respeitada a sua pessoa e as dos que o acompanhassem, durante a negociação, como o pedia o direito das gentes: Raymundo, desejoso da paz, e temeroso do futuro, accitou a proposta, e appareceu no campo dos cruzados, na barraca do legado, seguido por tresentos dos seus cavalleiros. Era o que o abbade de Cister esperava para realisar seu nefando e traiçoeiro projecto; fez lançar mão das pessoas de Raymundo e dos seus companheiros, entregando-os a Simão de Montfort, general dos cruzados. Com esta perfidia desalentados os habitantes da cidade a abandonaram uma noite, servindo-se de uma passagem subterranea, e no outro dia os sitia-

(*) Vêta-se Num. 56 e 58 deste vol.

dores a entraram, practicando as costumadas assolações e crueldades.

Então era Carcassonna simplesmente a parte, que ainda hoje está situada na margem direita do Aude, sobre uma altura, amuralhada, e defendida por um castello, que representa a nossa estampa, e que actualmente está muito arruinado. Desta cidade velha, que é a porção antiga da moderna Carcassonna, com as ruas estreitas, mal povoadas, e de tristonho aspecto, se passa por uma boa ponte para a cidade nova, em posição mais baixa, na margem esquerda. Esta parte moderna é bem construída, com boa casaria. Nella estão as *Halles*, ou mercados cobertos, que são grandes, e bem arejados: a praça principal, que é um quadrilongo, plantado d'árvores, com uma fonte no meio; a casa da camara, de boa architectura; o theatro; excellentes quartéis, e outros edificios communs ás cidades francezas de segunda ordem.

Pelo recenseamento de 1832, Carcassonna tinha 14:872 habitantes. É antiquissima, porque já Cesar fez menção della como pertencente á *Gallia Ulterior*. Depois da decadencia do imperio romano passou successivamente ao poder dos visigodos, dos sarracenos, e dos francos. No dominio destes ultimos teve condes proprios, que a governaram, e a final se fizeram hereditarios. O ultimo conde cedeu os seus estados ao rei Luiz 9.^o, ou S. Luiz, pelo meado do seculo decimo terceiro. Em tempo de Luiz 11.^o começou ahí a manufactura de pannos de laã, que foi muito protegida, e adiantada pelo grande Colbert, ministro de Luiz 14.^o, e é hoje o ramo mais essencial da industria desta cidade. A laã vem de Hespanha ou de Narbonna e Beziers; e é cardada, fiada, e tecida na cidade; e os pannos exportam-se para o Levante.

O commercio de Carcassonna é activo; promovido principalmente por uma ramificação navegavel do grande canal do *Languedoc*, ou do *Meiodia*, obra assombrosa do engenheiro de Riquet. Vinho, agua-ardente e fructas são os outros generos principaes deste commercio.

Nos arredores há pedreiras de marmore de varias côres; o que tem veios encarnados é de notavel belleza.

Fabre d'Eglantine, membro da convenção, guilhotinado em París em 1793, era natural desta cidade.

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

VII

MORTE DE D. LEONOR DUQUEZA DE BRAGANÇA.

[1512.]

O DUQUE de Bragança D. Fernando 2.^o tinha expirado em um cadafalso. Os historiadores teem controvertido a justiça da sua condemnação: pela nossa parte precisamos de crer nessa justiça; porque veneramos a memoria de D. João 2.^o, do rei amigo do povo, que em paga o adorava, como nunca neste mundo foi adorado rei: precisamos de crer sem mancha aquelle modelo dos principes; porque doloroso nos fóra correr a lista dos nossos reis, sem encontrar até o fim do primeiro quartel do seculo 19, um nome, que não recorde vergonhas, erros, ou crimes.

Deixou D. Fernando dois filhos, D. Jayme, e D. Diniz, que na côrte de Castella receberam agasalho e protecção. Subindo D. Manuel ao throno foram restituídos á patria; e D. Jayme, que nesta occasião [1496] contava 17 annos, reintegrado nos titulos de seu pae.

D. Jayme na sua infancia aproveitou por ventura demais a eschola da adversidade. A desventura faz o

homem religioso, a elle fe-lo fanatico; o soffrer torna o homem severo e meditador, nelle gerou certa melancholia, que se assemelhava ao delirio. Os beneficios de D. Manuel não poderam curar o moço duque do cancro que lhe roia o coração. Como sobrinho delrei por sua mãe D. Isabel, irmã de D. Manuel, quando este principe partiu para Hespanha, o fez declarar successor da corôa, caso elle morresse, visto ainda não ter filhos. D. Jayme subiu assim, quanto era possivel um vassallo subir; mas em tantas grandezas elle não encontrou a felicidade.

Pertendeu primeiramente elrei casa-lo com D. Joanna, filha de D. Fernando o catholico; mas não sendo este intento levado a cabo, o duque de Medina Sidonia lhe offereceu sua filha D. Leonor, que o moço duque, contra sua vontade, acceitou por obedecer a D. Manuel seu tio e a D. Isabel sua mãe.

Recebeu-a com effeito em 1502. Os dois esposos nem se conheciam, e por isso não se podiam amar. Além disso, o espirito demasiadamente religioso do duque fazia com que se recolhesse muitas vezes, por tempos, na serra de Ossa, onde a sua vida parecia mais de monge, do que de fronteiro, que era, do Aléntejo. Já depois de contractado a casar com D. Leonor, no meio de um delirio ascetico, tinha saído disfarçado do reino, para ir viver em Jerusalem vida de eremita; mas descoberto em Hespanha, fora obrigado a retroceder para Portugal. Esta loucura, segundo affirma Damião de Goes lhe foi inspirada pelos frades franciscanos, a quem elle era extremamente afeiçoado.

D. Leonor, quando cazou, chegava apenas á idade da puberdade. Creança, victima das conveniencias politicas, sem encontrar amor no marido a que se via ligada, era impossivel que não detestasse o seu jugo. D'aqui a um crime distava apenas um breve espaço, e ella o transpoz, ao que parece. As razões dos escriptores que procuraram defender sua memoria, teriam mais vigor, se antes da sua lastimosa morte não houvera as antecedencias que deixámos apontadas. — Depoimentos de testemunhas, declarações de cúmplices, opiniões de historiadores, provando muito contra ella, não provam tanto como o sabermos do que é capaz um coração de mulher, a quem interesses de homens venderam como um objecto de mercancia, e a quem na primavera da vida arrancaram todas as esperanças de ventura e de amor.

Adultera, o crime não era seu. Assassinada por D. Jayme, o seu sangue não devia cair sobre este; mas sim sobre os ossos do duque de Medina-Sidonia, sobre a cabeça delrei D. Manuel e sobre a da duqueza de Bragança sua irmã. Se D. Leonor era innocente, foram elles que a assassinaram: foram elles que poseram o punhal na mão do moço duque: contra elles devia a misera implorar a vingança do ceu; e exemplo de vera ser este successo aos reis e grandes, que tantas vezes mercadejam com a felicidade de seus filhos, e daquelles que estão debaixo de sua tutela.

Eram 2 de novembro de 1512: na manhã desse dia, em Villaviçosa, via-se em todas as faces pintado o espanto e o terror; o povo se ajunetava pelas ruas; fallavam baixo uns com os outros, e depois separavam-se em silencio: uma noticia terrivel parecia agitar os animos; e com effeito um caso atroz acontecera essa noite: na camara da duqueza de Bragança jazia ella assassinada, e ao pé della Antonio Alcoforado, moço-fidalgo de seu marido D. Jayme. Dizia-se que este os colhera em flagrante adulterio, e que as justizas do duque tinham sido chamadas para se fazer *um auto e inquirição de devassa* sobre este caso lastimoso. Assim era em verdade: na torre do Tombo existe ainda o documento que então se

exarou, e que, pela primeira vez, se publica neste lugar [*]. Julgamos que seria melhor transcrever a narração judicial do successo, do que historiar este, como fez o auctor da historia genealogica. Damos, todavia, em extracto os depoimentos das testemunhas, porque destes depoimentos, uns são demasiadamente longos, outros não offerecem interesse, e neste caso os suprimimos.

“Anno &c. Aos dois dias do mez de Novembro, duas horas ante manhaã, pouco mais ou menos, em Villaviçosa nas casas do Reguengo, onde ora pousa o Sr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria, e João Alvares Moura, juiz ordinario na dicta villa. Pelo dicto Sr. duque &c. foi dicto ao dicto ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morta a senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assi Antonio Alcoforado, filho de Afonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar ambos, e achar que dormiam ambos, e lhe commetterem adulterio; pelo que o dicto ouvidor e juiz se foram a uma camara, onde a dicta senhora sobia (*costumava*) a dormir; e ali jazia morta a dicta senhora duqueza, e assi o dicto Antonio Alcoforado, juncto na dicta camara, um juncto do outro, o qual foi vista a dicta senhora por o dicto ouvidor, e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabellião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degolada, que cortara o pescoco ácerca (*á roda*) todo, e outra grande ferida por detraz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe appareciam os miolos; e juncto com a dicta ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E o dicto Alcoforado tinha o pescoco corto (*cortado*); e em a cama da dicta senhora estava um barrete, dobrado de volta, preto, que diziam esses que ali estavam que era do dicto Antonio Alcoforado, e o dicto ouvidor, e juiz mandaram fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dicto caso, e mandaram ao dicto Gonçalo Lourenço e a mim tabellião, que assignassemos este auto: a qual dicta senhora duqueza estava vestida, e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto, com uns perfis de tafetá amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso aleonado; e assi o dicto Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado, com meias mangas, e colar e pontas de velludo roxo, e umas calças vermelhas, e uns borzeguins pretos, e çapatos, e um saio preto, e uma cinta de coiro preto com uma guarnição de prata: e ante que se acabasse este auto de fazer, chegaram Diogo de Negreiros, escrivão de ante o dicto ouvidor, e viu os sobredictos na dicta camara jazer mortos: &c.”

Esta é a copia do auto que foi feito ainda de noite. Tanto que foi manhaã se procedeu á inquirição das testemunhas, de cujos depoimentos vamos extrair o mais curioso.

Pedro Vasques, guarda roupa do duque, declarou que este lhe havia ordenado vigiasse, com o hortelão Pedro Fernandes, e vissem quem entrava de noite no quarto da duqueza; isto parece mostrar que o duque estava já informado de tudo: o testemunho deste homem é um dos mais interessantes neste horroroso caso. Os dois creados se esconderam, com effeito, entre uns loureiros, que havia debaixo da janella do quarto da duqueza: da meia noite para a uma hora viram chegar um vulto, que subiu por cima de uma parede, que se estava construindo juncto daquelle janella, o qual, correndo de roda das casas, trou-

xe cestos e pedras para poder trepar á mesma janella: abriu-se esta, e nella appareceu uma mulher, que de dentro lançou o quer que foi, e elle subiu logo. Tanto que Pedro Vasques o viu entrar, mandou por Pedro Fernandes avisar o duque, e elle se foi pôr sobre o muro, com uma chuça nas mãos. Sentiram-o; e uma mulher, *mui torvada*, lhe fallou de dentro, dizendo: *Quem está ahí? Jesus! Quem está ahí?* Elle respondeu: *Sou Vasques. Um homem que lá está dentro não saia, nem bula, porque se sair, mata-lo-hei. Aguarde o duque, que vae lá, e ponha-se em suas mãos.* N'isto chegou um homem á janella, e lhe disse: *Pedro Vasques, deixae-me sair, pelo amor de Deus; não me mate o duque.* Conheceu elle então que era Antonio Alcoforado; e repetiu o que já havia dicto, accrescentando: *Passareis com quatro ou cinco duzias de açoutes:* ao que o Alcoforado, cheio de terror, tornou: *Não me matará o duque?* A isto respondeu elle, para que o moço não tentasse sair: *Não: Açoutar-vos-ha!* Então Antonio Alcoforado lançou pela janella a espada, na qual pegou Pedro Fernandes, que já tinha voltado. Neste momento batia o duque á porta do quarto, e tanto que entrou fecharam-se as janellas: dahi a pouco foi Pedro Vasques chamado: Estava o duque na guarda-roupa *historiando* [altercando] com a duqueza, a qual se desculpava: na camara estava Antonio Alcoforado com Jorge Lourenço, a quem pedia perdão, se algum mal tinha feito. Entrando alli o duque, o moço lhe pediu de joelhos lhe perdoasse a traição que lhe fizera, e lhe mandasse fazer bem por sua alma: respondeu-lhe o duque, que se abraçasse com Deus porque o corpo havia de padecer; que mais soffrera nosso Senhor por nós outros. Então veio o capellão Lopo Garcia confessar o mancebo, ao qual ataram as mãos. Feito isto mandou o duque chamar Diogo, preto que trabalhava na horta, para degolar o culpado: pediu este, que lhe cubrissem a cabeça, para não ver o genero de morte que lhe davam: cobriram-lha com um farrapo de lençol; depois do que o negro o degolou com um machil que trouxera. O duque foi então para onde a duqueza estava.

Tal é o quadro que da morte de Antonio Alcoforado nos mostra o depoimento de Pedro Vasques. Ha em todos estes preparativos de que se rodeou o duque, uma frieza, uma justiça, e digamo-lo, uma *caridade* infernal. Concebe-se como um homem honrado colhendo sua mulher em adulterio, a apunhala e ao adultero; mas para tranquillamente os assassinar, *em boa ordenança*, cumpre possuir a alma tsnada de um fanatico.

A' morte do moço Alcoforado, seguiu-se a da duqueza: no depoimento de uma das suas donas, de Beatriz Annes, se acha a narração do ultimo acto deste longo drama de agonia. Eis aqui a summa do que ella disse.

Havia um mez que a duqueza recebia muitas cartas, e escrevia frequentes vezes por mão de Anna Camella, outra dona sua. Tres semanas antes dissera que tinha de fazer uma devoção, com a janella da sua camara aberta, pela volta da meia-noite: isto indicava que ella tinha ajustado com Antonio Alcoforado o meio de se fallarem. Naquelle noite, em que foram descobertos, a duqueza, cheia de afflicção, perguntou a Beatriz Annes se não haveria alguma janella por onde saisse Antonio Alcoforado. Quando chegou D. Jayme a duqueza fugiu para o quarto de seus filhos, onde foi logo ter o duque: perguntada, negou o crime; mas o duque a mandou confessar por Lopo Garcia: passado tempo voltou elle a saber se estava confessada, e dizendo-lhe que não, foi-se outra vez embora, tornando dahi a pouco. Ella não se con-

[*] Devemos a copia deste curiosissimo documento, cujo original ainda existe na Torre do Tombo, á bondade do illustrissimo Sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento.

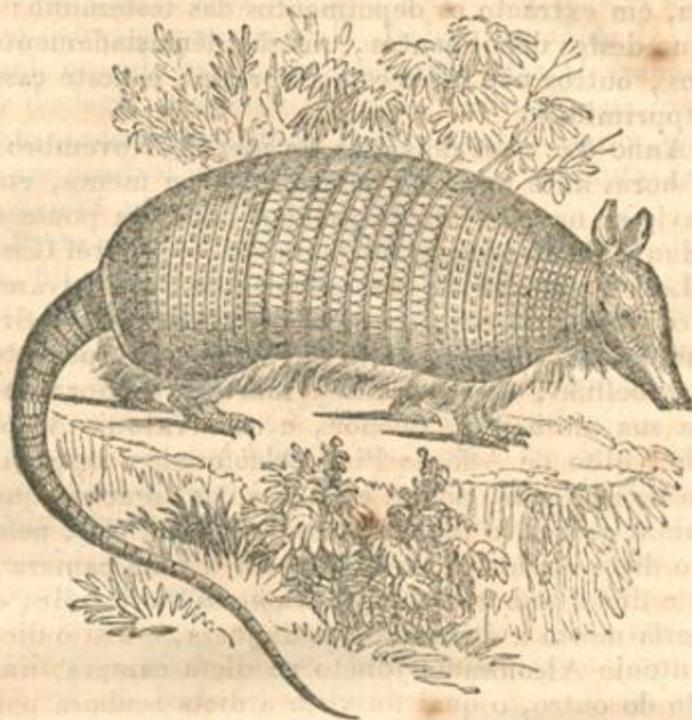
fessára: o duque a mandou absolver; e com um cutello de caça a matou, arrastando-a pelos cabellos depois de morta, para a camara, e lançando-a juncto do cadaver de Antonio Alcoforado. Foi então que se lavrou o auto que acima deixamos transcripto.

Dos restantes depoimentos colhe-se que o duque soubera a sua deshonra por Fernão Velho seu védor, a quem Anna Camella mostrou as cartas da duqueza para Antonio Alcoforado. Destas cartas se via que os dois se amavam loucamente, e que a duqueza lutara muito tempo, primeiro que cedesse aos desejos do seu amante.

Historiadores gravissimos teem procurado pôr em duvida o crime de D. Leonor: nem são para desprezar os motivos que allegam em abono de sua opinião. No auto mandado pelo duque, as testemunhas quem são? — Clientes e criados seus. Depois de ter feito duas execuções, sem ter sido nomeado algoz d'officio, elle precisava justificar-se aos olhos d'elrei e do mundo; a duqueza estava morta: seria, pois, possível alevantar-se alguma voz a favor della? — A rainha D. Catharina, mulher de D. João 3.^o fazendo, passados annos, averiguações ácerca deste successo, alcançou documentos e cartas daquella epocha, escriptos por familiares do duque, em que se affirmava que D. Leonor morrera innocente. Os escriptores que seguiram esta opinião se podem consultar no 5.^o tomo da Historia Genealogica: entre elles se conta o celebre D. Francisco Manuel de Mello. Dizem que os amores de Antonio Alcoforado eram com uma dama da duqueza, a quem esta dera certa joia que recebera do marido. Deu-a depois aquella dama a Antonio Alcoforado: viu-lha o duque; perguntou por ella a D. Leonor, a qual, temendo que o marido lhe levasse a mal o have-la dado, respondera que a tinha em seu poder; mas exigindo D. Jayme que lh'a apresentasse, ella o não pôde fazer. D'aqui nasceram os ciumes do duque, os quaes confirmou Fernão Velho com as cartas que se dizia eram mandadas escrever pela duqueza. Em verdade parece mui pouco provavel que uma adúltera se haja de servir de secretarios para se corresponder com o seu amante. Seja como fôr, a razão, ou sem-razão, da morte de D. Leonor será sempre um mysterio. Contam que o duque depois de casar segunda vez, saltava ás vezes da cama, clamando que ouvia á cabeceira os gritos de sua primeira mulher. Refere o historiador S. Roman que o conde de Ureña, cunhado de D. Leonor sabendo da sua tragica morte, desafiara D. Jayme, e que este respondera que não acceitava desafio com um fidalgo particular, tendo sido outr'ora jurado herdeiro da corôa portugueza. O homem que tinha sido, não o assassino cego e furioso de sua mulher, mas o seu tranquillo algoz, julgava-se ainda acima de um cavalleiro! Isto era ajunctar ao sublime da crueldade o sublime do ridiculo e da demencia.

A tradição perpetuou na lembrança do povo o tragico successo de D. Leonor. Os contos populares a este respeito seriam materia para deleitosos romances ou poemas. Ainda hoje se mostra no paço de Villa-Vieosa uma porta entaipada: diz-se que o duque mandara pôr a tumba, em que se metteria a cadaver da duqueza, sobre uma mula, a qual fôra lançada por aquella porta que dá para a estrada de Montes Claros, onde a mula chegou sem que ninguem a encaminhasse, parando á porta do mosteiro de paulistas que ahi havia: conta-se tambem que o duque arrependido da barbaria que praticara, costumava fazer penitencia mettido n'umas cisternas ou poços que ainda hoje existem. No quarto da duqueza dizem que ainda se conhecem os rastos do sangue; e o oratorio onde ella resava, conserva-se no paço ducal, como es-

tava no seu tempo, sem mudança alguma na disposição dos adornos, e todos lhe chamam ainda hoje a *capella de D. Leonor*.



O ARMADILLO, OU TATU' PEBA.

[*Dasypus peba*].

“QUANDO fallâmos d'um quadrupede [diz o eloquente Buffon], este nome traz consigo a idéa d'um animal coberto de cabello, assim como o nome d'um passaro, ou d'um peixe, suggere as idéas respectivamente correspondentes de pennas, ou de escamas, como attributos inseparaveis destes entes; comtudo a natureza, sempre mais fecunda em seus recursos, do que nós engenhosos em descrever as suas relações, ou em apreciar os seus designios, a cada momento foge ás nossas mais extensas observações, e nos assombra por suas excepções, ainda mais que pelas suas leis geraes.” — Um notavel exemplo da verdade destas observações appresenta o genero de quadrupedes, de que damos um *specimen* em nossa gravura. Em vez de cabellos, os tatús são cobertos com uma especie de concha solida e cornea, cujas duas peças principaes lhe defendem as espaduas e a garupa, e são entre si ligadas por certo numero de cintas transversaes, moveis ao meio do corpo, que variam em quantidade segundo as especies. Aquellas duas peças são compostas de laminas ou placas polygonas, contiguas como as pedras d'um trecho de mosaico, mas incapazes de movimento separado. Todo este apparelho, que faz lembrar as armaduras lisas da edade media, deu sem duvida origem ao nome d'armadillo, que os hespanhoes pozeram ao individuo que o possui, sendo depois esse nome adoptado em outras linguas. Mediante as faxas transversaes o animal se faz n'uma bóla, e está então na sua praça d'armas.

Os tatús habitam tocas subterraneas, e são optimos cavadores; a fórma do focinho, como o do porco, tambem os ajuda muito para revolverem a terra a procurar raizes e bichos, de que se sustentam. A mandioca, as batatas, o milho tambem lhes convém; e o acreditado naturalista hespanhol D. Felix d'Azara refere que elles devoram raãs, lagartixas, e ovos dos passaros que aninham no chão. O mesmo tambem diz que em districtos, por onde elles passeiam, não ha formigas, porque as comem, e lhes arrazam os formigueiros. São animaes timidos; e a maior parte das especies, nocturnas. A sua carne é gostosa e delicada, e costumam os americanos assa-los inteiros dentro da concha.

OS CHARLATÃES.

É PARA lamentar que, não sómente o povo, mas até homens de alguma instrução queiram sacrificar-se á ignorancia e cubiça de charlatães, consentindo que estes os tractem nas mais graves molestias!

A palavra charlatão, é imitada do vocabulo italiano *ciarlatano*, derivado de *ciarlare*, fallar muito, ou palrar. Na lingua grega correspondia a palavra charlatão a *agyrtes*, assemblea, ajuntamento. Em latim a palavra *circulator* tinha identica etymologia, pois que de *circulos*, circulo, roda ou ajuntamento se fizeza este substantivo que designava o charlatão, isto é o homem que fallava ás turbas reunidas em redor d'elle. Em alemão tambem a palavra *marktschreyer* tem uma significação quasi analoga: *markt*, praça publica; *schreyer*, pregoeiro, gritador, vozeiro. N'estes diferentes idiomas é a palavra per si só uma definição do objecto que representa. A alguém pareceria minuciosas e talvez extemporaneas estas indagações philologicas, mas é tal a vóga e importancia que os charlatães teem adquirido nos nossos dias, que julgariamos faltar ao nosso primeiro dever, se tractassemos de leve o assumpto. E por onde haviamos de comegar melhor [até segundo as regras do charlatanismo litterario] senão pela etymologia, ensinando a origem da palavra charlatão, e as diversas maneiras com que assim os antigos como os modernos a exprimiam. Os charlatães, como mostra a etymologia que apresentámos, não passavam antigamente de homens, que andavam pelas praças publicas de varios paizes, congregando as turbas á roda de si, divertindo-as com enchorradas de palavras, e, em summa, procurando comer á custa dos credulos. De todos os meios proprios para captivar a attenção do vulgo, seduzir-lhe a imaginação, estimular-lhe a curiosidade, nenhum havia mais azado que o de explorar essa mina fecunda e inexaurivel de malles e dores que atormentam a raça humana. Calculou e calculou bem o charlatanismo que acharia pasto abundante no vasto campo d'enfermidades, que cercam o homem, e com mais ou menos brevidade o levam á sepultura; e eis-aqui o porque em todos os tempos, e entre todos os povos tem apparecido homens a vender, com mais ou menos azafama, remedios de suppostas virtudes infalliveis, ao povo em torno d'elles apinhado, e que seduzido pelo engodo d'uma cura promettida, comprava se não a cura, pelo menos a esperanza de a obter.

Ha hoje tres classes mui distinctas de charlatães. A primeira é a dos charlatães vagabundos ou ambulantes, a mais miseravel de todas as tres, e que diminue de dia para dia. Na capital e cidades mais populosas já custa a encontrar alguns membros d'esta classe infima, que sómente ainda vão tirando fructo de seus embustes, lá por essas terras onde raro é o homem que sabe ler. Alli sim póde o som da trombeta, e o brilho das maravalhas e europeis que enfeitam os vestidos do charlatão, alvoroçar o povo, e despertar-lhe a credulidade; porém nas cidades grandes onde o ler jornaes é uma precisão diaria, onde em cada esquina e a cada minuto apparecem cartazes de gordas letras, de variadas côres, o povo que lê, e presume saber discorrer sobre o que lê, já não presta fé á trombeta do charlatão errante, mas crê no jornal, crê no annuncio, crê no cartaz gigante, emfim ainda não escarmentado de engolir patranhas, crê piamente em todos os ardís dos charlatães da segunda classe, nos charlatães estabelecidos, graduados, que ás vezes habitam palacios ou pelo menos ricos aposentos, que chegam a alcançar condecorações, e que já não vão prégar nas praças publicas, e nas encrusilhadas e semeiam com mão larga cartazes impressos em cara-

cteres do comprimento d'um covado, que fazem com que os passantes parem boqui-abertos. Os jornaes, que n'isto levam ganho, incumbem-se, mediante uns tantos réis por linha, de lhes gabar as curas maravilhosas, a excellencia dos remedios, a superioridade dos methodos. Alguns destes manhosos especuladores dão conselhos de graça, porém levam muito caro pelos seus remedios *indispensaveis*; porque o que o povo paga mais contra sua vontade, não é o remedio que tem a seus olhos um valor intrinseco material, mas o parecer que julga que nada custa a dar.

A esta classe de charlatães pertencem um grande numero de vendedores de remedios secretos, isto é, cujas formulas se não acham publicadas. A taes individuos alludia o nosso Nicolau Tolentino, quando disse n'uma das suas judiciosissimas e jocosissimas satyras:

Chegou Monsieur de tal,
Chymico em París formado;
Traz segredo especial;
Um elixir approvedo,
Um remedio universal:
Não pretende ajunctar fundo
C'os grandes segredos seus;
É cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.

Analyses rigorosas feitas em varios tempos e logares teem provado serem esses decantados remedios, uns um composto de cousas disparatadas, outros incertos, e alguns finalmente perigosos. Quantos, e quantos remedios, sem virtude alguma, se venderão por ahi, apadrinhados com um titulo retumbante!

Pouco diremos ácerca da terceira classe de charlatães, ou dos charlatães scientificos. Esses não vendem remedios, nem põem seus nomes na quarta pagina de um jornal, isto é, entre os annuncios, porém mandam-no estampar no artigo—*noticias diversas*.—Perseguem as academias com as suas memorias, vangloriam-se em alto e bom som d'aquillo a que chamam as suas doutas pesquisas, e indicam exactamente a sua morada, nos annuncios de suas obras. Se vão de jornada, logo a imprensa annuncia quando partem. Sempre tem um amigo officioso que se incumbem de annunciar ao mundo que o sabio, o illustre doutor fuão, é esperado com impaciencia na cidade de tal, e que ha de passar por estas e aquellas povoações. Os charlatães scientificos occupam no mundo uma posição mixta, que não é completamente brilhante, nem inteiramente obscura. Em quanto vivos são muito fallados, depois de mortos não deixam rasto de si. Podem comparar-se com esses foguetes que amostrando-nos de relance um sulco luminoso deixam apoz breves instantes um pouco de fumo que a menor viração dissipa.

Apparecem todavia de longe em longe alguns charlatães de boa fé, que pretendem achar na indole do homem, considerada em abstracto, a fonte propagadora do charlatanismo, e que, escudados com esta desculpa ou pretexto, pedem aos homens sensatos e illustrados lhes perdoem essas culpas que elles supõem filhas de uma especie de fado social.

Vem aqui a pêlo uma anecdota muito sabida, que ha de explicar com mais clareza esta idéa. F... medico de consciencia e estudos, exasperava-se, e passava de ver das janellas do seu solitario gabinete a immensa concorrência de freguezes a pé, e dos de sege, que entulhavam as portas d'um famoso charlatão, o qual assistia defronte da sua casa, n'uma das ruas de maior passagem em Londres. Um dia que já não

estava na sua mão dissimular o que sentia, animou-se a ir a casa do seu feliz visinho e a perguntar-lhe sem mais preambulos o segredo da sua fortuna. Ouviu o charlatão com muitissima serenidade de espirito a pergunta do homem benemerito, e levando-o para uma janella, perguntou-lhe: "Ora faça favor de me dizer, que numero de pessoas lhe parece que passam pela nossa rua no espaço d'uma ou duas horas? — Eu sei! respondeu-lhe o sabio algum tanto admirado; talvez duzentas. — E neste numero, continuou o charlatão, quantas pessoas julga que haverá com juizo, e olhos abertos? — Para lhe dizer a verdade, parece-me que me não poderá chamar mesquinho, se lhe eu disser que haverá uma ou duas pessoas quando muito? — Pois ahí tem o problema resolvido, proseguiu o sincero charlatão; esse homem de juizo irá procura-lo, e o resto ha de vir ter comigo.

E para que vem aqui este artigo? perguntará alguém. Para, se é possível, com o que fica dicto, e o que se vae dizer, curar o povo d'uma mania, que a muita gente tem sido funesta.

Ha um raciocinio mui simples com que se póde vencer e desenganar o povo muito melhor, segundo nos parece, do que o poderiam fazer todas as diatribes impressas contra charlatões, mormente quando essas diatribes são escriptas por medicos. Conviria dizer-lhe com brandura, que hoje remedio algum póde ser um *segredo*, porque a analyse chimica está tão aperfeiçoada que ensina a conhecer todas as drogas que entram em qualquer composição, de sorte que quando se provasse que um remedio mysterioso era um verdadeiro especifico, a sua composição, ao menos para os medicos, dentro de oito dias deixaria de ser *segredo*.

Conviria tambem dizer-lhe que o charlatão não tem póde ter conhecimento algum das molestias, e que ainda quando o seu remedio tivesse as virtudes que lhe attribue, não o podia saber applicar. &c. &c. Admira na verdade haver gente tão tresloucada que crê que uma velha ou um homem ignorante, que não tem a minima noção de uma sciencia em extremo difficilissima, podem fazer milagres que não é dado fazer a homens que consagraram a maior parte da vida ao estudo da medicina, a homens que junctam á sua propria experiencia a experiencia de todos os medicos que os precederam ha perto de tres mil annos!

A VIDA PROLONGADA PELA CIVILISAÇÃO.

Todos os dias nos quebram a cabeça os louvadores dos tempos passados com as sonhadas longevidades das epochas anteriores á nossa. Maus chronologistas allegam Mathusalem, e outros; e teimosos na sua opinião affirmam que elles conheceram homens no-nagenarios, e que os raros que se encontram pertencem ainda á sua epocha, e que nós nunca os egualaremos. O testemunho da historia, e das biographias particulares levanta-se em peso contra esta mentirosa asserção; mas homens cabeçudos tanto negam razões, como factos; e o remedio é deixa-los com sua birra, porque o nosso seculo não deve ser inquisitorial. O erudito Feijó cançou-se debalde em refutar n'uma das suas bem escriptas dissertações o erro da supposta longevidade das gerações, que nos precederam. Velhos hespanhoes, velhos portuguezes, velhos de todas as nações não fizeram caso da logica e da erudição do sabio benedictino; e continuaram na cantilena de que as vidas se vão abbreviando. Se elles contassem bem, desde os seus primitivos patriarchas, em progressão descendente, miseros de nós que poucos dias nos dariam de vida; e ainda mais infelizes os

nossos netos, que seriam ephemeros; se é que se póde chamar infelicidade largar este oceano tempestuoso de paixões, chamado mundo social. Comtudo para consolação dos que tiverem medo de ver que os homens não cheguem a durar tanto como as borboletas, diremos que os calculos estatisticos da Europa dão um resultado satisfactorio. Por 1:900:000 obitos que havia no tempo até onde póde sobir o calculo, ha hoje somente 1:200:000; e advertimos que isto é na razão dos nascimentos e da população; segue-se que 700:000 vidas são poupadas pelos melhoramentos da civilisação em nossa idade. Os soccorros das artes medicas, as precauções hygienicas, as commodidades, a politica da guerra, e milhares d'outras causas, attenuam a mortalidade nos paizes civilizados.

Mas a questão que nós encetámos, dirão os imperitinentes, reduz-se á longevidade considerada no individuo. Pois bem, esses antiquarios que folheem com consciencia os annaes de Roma e da Grecia, e depois de terem suado com difficuldades chronologicas, que nos venham dizer de que idade morreram aquelles a quem poupou o ferro, ou o veneno? — Acharão o mesmo que na idade média, o mesmo que na historia moderna. E do resultado estatistico que acima mencionámos tiramos nós um argumento que não tem resposta. Se os efeitos da civilisação diminuem a mortalidade, claro está que tambem devem prolongar a vida. Estes *laudatores temporis acti, gabadores do tempo que já lá vae*, lembram-se de que em sua vida viram homens de idade avançada, que seus paes e avós viram tambem muitos dos seculos respectivamente anteriores: mas não se lembram que nós os vemos a elles; e de que nossos bisnetos talvez nos verão. Velhos, morrei em paz; cá ficará quem coma do que trabalhar, e tambem quem coma do que os outros trabalham, como sempre foi e ha-de ser até a consumação dos seculos.

O MESTRE ASSASSINADO.

Chronica dos Templarios.

1320.

IV

"Assim vos ides embora?" perguntou Gilberto depois de um breve silencio, e com o parecer demudado — Aonde quereis ir, meu honrado hospede? — Não é isso de amizade. — Frio o vento sopra da banda do mar; e parece que o verão se vae já mudando em inverno tempestuoso."

"O cavalleiro parte, atalhou Branca afflicta, ou porque eu o offendi, ou porque lhe é incommoda a nossa habitação."

Gilberto cravou os olhos em Guido por alguns instantes, com aspectó carregado, mas tranquillo. "Estimado senhor, disse porfim, ao mancebo, que estava diante d'elle como um criminoso colhido ás mãos: — não me fareis esta affronta na presença dos meus visinhos; nem saireis desta casa sem me descobrires a que viestes a ella. Excellente peixe temos para o jantar; e cozinhado pela minha Branca será delicioso. Ao menos jantareis connosco."

Dictas estas palavras, despejou o peixe em um alguidar de agua, e tractou de ajudar Branca a prepara-lo. Mas neste momento occorreu a Guido uma nobre resolução. Apertando rapidamente a mão a Gilberto: "Dae-me uma palavra, lhe disse agitado; dae-ma immediatamente; cumpre que ninguem nos ouça!" — "Estou prompto:" — respondeu socegadamente Gilberto; e fazendo um signal a Branca para que se deixasse ficar, guiou o seu hospede para uma

alpendrada, que dava sobre o jardim contiguo, e donde se via, a pouca distancia, um edificio arruinado.

“Aqui ninguem nos ouve: disse Gilberto ao seu companheiro, cujo aspecto se tinha tornado triste e carregado; podeis fallar sem receio.”

“Falo-hei: atalhou Guido com voz tremula; porque não ousou sentar-me á tua mesa, partir o teu pão, beber o teu vinho, e executar depois o que me foi ordenado. Tira a mascara, irmão Perrail, perjuro mestre do templo; que o mesmo farei eu! O toque, senha e palavra te deram a conhecer: sabe, pois, tambem o meu nome: eu me chamo Guido de Monforte: sou sobrinho de Aumont, grão-mestre da ordem dos templarios, cujo diminuto numero, salvo do ferro de assassinos, jurou elevar outra vez o templo de Salomão, apesar de todos os monstros do inferno. Adepto, e companheiro dos obreiros do templo, mandou-me a sociedade que viesse procurar-te, mestre atraído de tão nobre e livre officio. — Adivinhas já qual seja a minha missão?”

“Matar-me: respondeu Perrail tranquillamente: não ignoro qual é entre nós o castigo do perjuro.”

“Não o ignoras; e atreveste-te a commetter o crime?”

“Mancebo: atalhou Perrail com asperesa: prohi-be primeiro ao coração os sentimentos, que Deus nelle ha plantado.”

“E o teu juramento?”

“Escuta-me, antes de me cravares o punhal no peito. A tua alma é generosa; e eu quizera que, cumprindo o teu horrivel mandado, em vez de amaldiçoares a tua victima, te compadecesses della. Expulso da patria pelo despotismo dos tyrannos, arrastando uma vida miseravel, dei á vella com Aumont, successor de Molay, do grão mestre assassinado, para as Hebridas. Lá, no vigor da mocidade, e sedento de vingança, jurei o mysterioso pacto do dia de S. João. Bem como o sangue do Baptista, ás mãos d’Herodes, serviu de indestructivel fundamento ao christianismo, assim o nosso devia servir para amassar o cimento do novo templo levantado sobre as ruinas do de Salomão, onde a ordem dos templarios tivera seu berço. Mas passaram os annos, e todas as nossas tentativas saíram baldadas. O rei e o papa, seguindo o trilho dos nossos destruidores, e ricos com os nossos despojos, nunca mais quizeram revogar o bando contra nós lançado; o povo não se doeu das desventuras da ordem, que se tinha tornado odiosa pelas rapinas e violencias, que em tempos de prosperidade cometiam seus cavalleiros, e desprezível pela fraqueza que elles amostravam na desgraça. Das Hebridas fui eu mandado pelo grão-mestre a sondar a opinião publica a nosso respeito. O resultado da minha missão foi a perda de toda a esperanza e consolação: foi tambem nessa occasião que o amor de Branca, e da terra natal mudou o destino da minha vida. Via anniquilada a ordem, e o meu debil braço não a podia salvar. Insoffrivel me era a idéa de ir fenecer sobre um penhasco do mar do norte, longe da patria, onde ainda podia ser cidadão util, pae e esposo feliz. Resolvi-me a isso e casei com Branca. Por um velho sacerdote templario, que deixava o asylo de um claustro, onde se acolhera, e ia partir para a ilha de Mull, mandei pedir ao grão-mestre me absolvesse do meu juramento, e restituindo-lhe o distinctivo do meu gráu, e dando-lhe uma noticia circunstanciada da minha viagem. Tudo isto recebeu Aumont; porém não me respondeu cousa alguma. Eis, em summa, qual foi o meu crime; nem me envergonho de o confessar. Leve, por certo, é elle aos olhos de Deus, posto que humanas leis o façam digno de morte. Em cousa nenhuma importante delinqui contra a ordem; porque ne-

nhum vivente soube da minha boca a sua situação, estatutos, toques, ou signaes: até minha mulher tudo ignora. Já vês, sobrinho de Aumont, qual é meu delicto: não fujo á punição. Minha mulher ficará viuva; meu filho orpham de pae; mas eu não compro caro com o meu sangue cinco annos de felicidade — os unicos que posso dizer taes, em toda a minha desgraçada vida.”

“Aballaste-me o animo: disse enfim Guido, depois de largo meditar. Sei o que podem o amor, e o aferro á patria: porém no teu discurso nada disseste acerca de um objecto, por cujo motivo ha contra ti violentas suspeitas. O sacerdote referiu a meu tio todas as circumstancias, que mencionaste agora: mas accusou-te de teres roubado a ordem. Elle era capellão daquella preceptoría de templarios, cujas ruinas acolá estão clamando vingança contra os nossos destruidores. Na epocha da perseguição, ajudado pelo Bailio, enterrara, em um subterraneo do castello, um valioso thesouro de pedras preciosas que um cavalleiro da ordem trouxera do oriente para as offerrecer á Virgem. O destruidor da preceptoría não encontrou essas riquezas; porque nellas nunca se fallou. Passados annos o fugitivo sacerdote voltou a este lugar, e achou-te possuindo-o. Por horas mortas foi examinar o escondrijo; mas o thesouro desaparecera. Quem, senão tu, o poderia ter tirado?”

“Certo, que só eu: e elle pára em meu poder: respondeu Perrail socegradamente.

“Tu o affirmas?” — atalhou Guido: “Agora o remorso é quem t’o faz confessar: deves morrer a ferro, já que não morreste de pejo! E podes tu levantar os olhos para aquellas paredes derrocadas, tendo commettido tão negro crime contra seus verdadeiros donos? Mestre traidor! — tu rasgaste, qual vibora o seio que te abrigou; insultaste o sanctuario; profanaste-o com o sacrilegio, e foste daquelles que assassinaram o mestre, e hypocritas lhe esconderam o cadaver! Ergue as tuas preces á Trindade divina, cuja imagem sagrada fulge na casa capitular do templo: exora o teu perdão, porque sem remissão morrerás.”

Nos olhos de Perrail borbilharam algumas lagrimas, mas respondeu seguro: “Prompto estou para a morte: todavia antes de me punires, segue-me. Restituir-te-hei esse thesouro que dizem roubei. Não vacilles, aliás elle ficará perdido para sempre. Nada receies! Que mal te posso eu fazer? Oxalá tu possesses ler no fundo do meu coração.

[Continuar-se-ha.]

VANTAGEM DA PRESENÇA DE ESPIRITO.

PARA o homem que não perde a tranquillidade d’animo, sejam quaes forem as circumstancias em que se ache, não existem metade dos perigos, que cercam aquelles, a quem o susto ou a afflicção tira immediatamente a faculdade de raciocinar. Os dois exemplos seguintes confirmam esta verdade.

Um medico do hospital dos doudos em Glasgow costumava passar horas e horas com os seus doentes, quando começavam a melhorar; e contando com o ascendente que tinha nelles pelo modo com que os tractava, não tomava precaução nenhuma nas suas visitas. Ia-lhe sendo funesta a confiança; mas salvou-o a serenidade de animo. Certo dia, varios doudos, já convalescentes lhe fizeram grandes queixas de que o caldo que lhes davam não prestava: para ver se tinham razão foi com elles á cozinha onde estava um enorme caldeirão a ferver. De repente um dos doudos, homem muito robusto, chega-se a elle, e com os olhos arregalados como quem estava no principio de uma

seção, lhe diz: "Sr. Doutor, V. S.^a está gordo e suado; tenho meus bocorejos de que ha-de fazer muito bom caldo. Vamos a ver." Ouvindo isto os outros, dão-lhe grandes applausos, rodeam o medico, e agarram-no para o deitar dentro do caldeirão. Então elle lhes diz, com admiravel socego: "Esperem: essa é bem lembrada; mas não veem que este fato vac estragar o caldo?—Deixem-me, primeiro, ír despir." — Este raciocinio satisfez os doudos, e deixaram-o sair da cozinha são e salvo.

Em outro hospital, em França, succedeu um caso semelhante. Havia nesse hospital um mirante com excellente vista. Tinham encarregado de guiar lá os curiosos, um homem que estivera doudo; mas que havia muito tempo, parecia estar cabalmente curado. Era o tal homem corpulento e de avultadas forças. Certo dia em que tinha ido ao mirante, com um viajante velho e de debil compleição, deu-lhe de repente uma veneta, e agarrando pelo pescoco o curioso, lhe disse: "Vou deita-lo desta varanda abaixo. Quero agora ver que tempo gasta daqui até lá abaixo." — "Oh homem!, tornou o velho, sacudindo-se-lhe das mãos, deixe então estar, que lhe quero fazer uma habilidade, como nunca viu, e que o ha-de deixar de boca aberta. Não se bula daqui, e em eu estando no pateo, repare bem, e verá como salto lá debaixo cá para cima." — Dizendo isto aballou pela escada abaixo, e o doudo se deixou ficar mui sosegado a olhar para o pateo, á espera que o velho lá chegasse, para fazer a promettida habilidade.

Vantagens da imaginação. — A faculdade da imaginação é o grande manancial da actividade humana, e a origem principal do melhoramento da nossa especie. Como ella nos deleita apresentando ao espirito scenas e caracteres mais perfeitos do que os que nós conhecemos, não consente que estejamos completamente satisfeitos da nossa condição actual, ou das nossas anteriores acquisições; e nos excita continuamente a procurar alguma vantagem ou commodidade ainda não intentada, ou alguma excellencia ideal. Daqui vem o ardor em melhorar a fortuna, e em augmentar e aperfeiçoar as qualidades e dons pessoas: daqui tambem o zelo do philantropo e do philosopho para dilatar o progresso das virtudes, dos conhecimentos, e da ventura do genero-humano. — Aniquilae esta faculdade; e a condição do homem ficará estacionaria como a dos brutos. — *Dugald Stewart.*

Mau fado dos judeus. — É cousa sabida pelas nossas historias que os judeus em o nosso reino, e no restante da peninsula foram por vezes perseguidos, espoliados, e proscriptos; porém vemos que em tempos remotos não eram melhor tractados em outros paizes da Europa. Na Inglaterra soffreu esta raça desditosa todo o peso do rancor dos monarchas anglo-normandos, e eram geralmente odiados pelos naturaes do paiz. Citaremos por exemplo a ordem dirigida, em 1255, por Henrique 3.^o ao *sheriff* [magistrado] de Norfolk e Suffolk que determinava "que se publicasse na cidade de Norwich e por todas as boas terras daquelles condados a prohibição para toda a mulher christãã poder, d'alli em diante, ser ama de filhos de judeus, ou prestar-lhes serviço de qualquer fórma que fosse." — Dahi a trinta e cinco annos todos os judeus d'Inglaterra, em numero de 15:000, foram expulsos, e os seus bens confiscados, em virtude d'uma resolução do parlamento extorquida pelos clamores do povo.

QUERENDO o senado e o povo romano mostrar sua gratidão aos beneficios de Marco-Aurelio, celebrando-lhe em vida a apotheose, e erigindo-lhe templos: o imperador philosopho recusou constantemente estas honras; e dizia. *Só a virtude póde equiparar os homens a numes: porém o templo d'um monarcha justo é o coração dos seus subditos, e os sacerdotes do seu culto são os homens de bem de todos os paizes.*

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Setembro 2.

1630 — Erupção volcanica na ilha de S. Miguel: houve grandes estragos e morreram muitas pessoas; as cinzas que saíam da cratera incendiada chegaram, segundo testemunhos contemporaneos, á ilha Terceira.

3

1513 — O duque de Bragança D. Jayme [v.^o a pag. 282] tendo sido mandado com uma armada contra Azamor, conquista esta cidade.

1591 — Fallece o bispo do Porto D. Fr. Marcos de Lisboa, auctor da *Chronica dos Menores*, obra estimada pela pureza e singelesa da linguagem e do estylo.

1658 — Morte de Cromwell. [Vid. N.^o 57 deste vol.]

1753 — Tentativa contra a vida d'elrei D. José.

1759 — Lei para a expulsão dos jesuitas de Portugal.

4

476 — Abdicação de Romulo Augustulo imperador de Roma: com elle acabou este imperio, já devastado dos barbaros.

5

1507 — Affonso de Albuquerque toma e queima a cidade de Mascate no reino de Ormuz.

1709 — Morte do celebre auctor dramatico francez, Regnard.

1800 — Malta se entrega aos inglezes depois de estar bloqueada dois annos.

6

1245 — D. Affonso, conde de Bolonha, e depois rei de Portugal, 3.^o do nome, é declarado em Paris, regente do reino, em lugar de D. Sancho 2.^o

1658 — Morte de Salmasio [Saumaise] um dos criticos mais infatigaveis e eruditos que teve a Europa.

7

1533 — Nasce em Greenwich a rainha Isabel d'Inglaterra.

1665 — Morre Philippe 4.^o rei de Hespanha, tendo reinado naquelle paiz 44 annos, e em Portugal quasi 20.

1783 — Fallece o celebre mathematico Euler, natural de Basilea.

8

1202 — Nasce o infante D. Sancho, filho de D. Affonso 2.^o, e depois rei de Portugal, 2.^o do nome.

1569 — Cria elrei D. Sebastião o conselho de estado.

1750 — E' jurado rei de Portugal D. José 1.^o

1831 — Tomam os Russos a cidade de Varsovia.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.